

Percepções sobre drogas, dependência química e busca de tratamento segundo elaborações cosmológicas de católicos e pentecostais

Janine Targino¹
José Wellington de Souza²

Resumo

No presente artigo pretendemos apresentar um estudo comparado dos resultados encontrados por duas etnografias realizadas em torno da questão do uso crônico de álcool e drogas entre moradores de regiões periféricas. Ao mesmo tempo, iremos expor as interpretações que os usuários e suas famílias tinham sobre as causas da dependência química. De antemão, é importante salientar que, nos dois cenários onde os autores fizeram suas etnografias, as explicações encontradas para a dependência química gravitavam em torno das elaborações religiosas do catolicismo e do pentecostalismo. No entanto, no primeiro caso, onde a experiência religiosa dos indivíduos se fundamentava sobre os preceitos do catolicismo carismático, identificamos uma retórica voltada para o uso da medicina e da ciência de maneira geral como estratégias para lidar com a questão do uso sistemático de drogas, ainda que a dependência química fosse vista como um resultado de fatores não só bioquímicos, mas também emocionais e religiosos. Por outro lado, o segundo contexto observado era mais influenciado por preceitos do catolicismo popular e do pentecostalismo e se referia ao uso de drogas como um fenômeno apenas de ordem mágico-religiosa, o que justificaria o uso de recursos mágico-religiosos para cuidar dos indivíduos usuários problemáticos de drogas.

Palavras-chave: dependência química; católicos carismáticos; evangélicos pentecostais.

Perceptions about drugs, chemical dependency and search for treatment according to cosmological elaborations of Catholics and Pentecostals

Abstract

This paper aims to present a comparative study of the results found by two ethnographies on the issue of chronic alcohol and drug use among residents of peripheral communities. At the same time, we will expose the interpretations that users and their families had about the causes of chemical dependence. In advance, it is important to point out that in the two scenarios where the authors made their ethnographies, the explanations found for chemical dependence gravitated around the religious elaborations of Catholicism. However, in the first case, where individuals' religious experience was based on the precepts of charismatic Catholicism, we identified rhetoric focused on the use of medicine and science in general as strategies for dealing with the issue of systematic drug use, although chemical dependence was seen as a result of not only biochemical but also emotional and religious factors. The second context observed was more influenced by the precepts of popular Catholicism and Pentecostalism and referred to the use of drugs as a magical-religious phenomenon only, which would

1 Professora no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ-UCAM).

2 Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSO) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

justify the use of magical-religious resources to care for individuals problem drug users.

Keywords: chemical dependence; charismatic catholics; pentecostal evangelicals.

Introdução

No presente artigo pretendemos apresentar um estudo comparado dos resultados encontrados por duas etnografias realizadas em torno da questão do uso crônico de álcool e drogas entre moradores de comunidades periféricas. Ao mesmo tempo, iremos expor as interpretações que os usuários e suas famílias tinham sobre as causas da dependência química. De antemão, é importante salientar que, nos dois cenários onde os autores fizeram suas etnografias, as explicações encontradas para a dependência química gravitavam em torno das elaborações religiosas do catolicismo e do pentecostalismo. No entanto, no primeiro caso, onde a experiência religiosa dos indivíduos se fundamentava sobre os preceitos do catolicismo carismático, identificamos uma retórica voltada para o uso da medicina e da ciência de maneira geral como estratégia para lidar com a questão do uso sistemático de drogas, ainda que a dependência química fosse vista como um resultado de fatores não só bioquímicos, mas também emocionais e religiosos (TARGINO, 2014). Por outro lado, o segundo contexto observado era mais influenciado pelos preceitos do catolicismo popular e do pentecostalismo e se referia ao uso de drogas como um fenômeno apenas de ordem mágico-religiosa, o que justificaria o uso de recursos mágico-religiosos para cuidar dos indivíduos usuários problemáticos de drogas (SOUZA, 2017).

Desta forma, a primeira etnografia trata-se de um estudo realizado na região metropolitana do Rio de Janeiro e diz respeito à observação de

uma comunidade terapêutica criada e mantida por um grupo religioso vinculado à Renovação Carismática Católica (RCC). Nesta etnografia tratamos especificamente da relação entre usuários de drogas em processo de recuperação e as crenças do catolicismo carismático. Ali, encontramos uma relação quase incestuosa entre a tentativa de cura médica, via tratamento médico e acompanhamento psicológico, e a busca da conversão espiritual de dependentes químicos à doutrina católica. Já a segunda etnografia trata-se de um estudo sobre a formação de uma periferia na cidade de Liberdade, Sul de Minas Gerais. Neste estudo foram observadas as dificuldades de adaptação dos moradores, oriundos da zona rural e de sítios onde se produzia alimentos de subsistência, em relações de parceria ou camaradagem com os fazendeiros locais, à vida urbana e ao trabalho assalariado. Segundo as conclusões da pesquisa, as novas condições de vida e a inadequação desses ex-agregados à vida urbana e ao trabalho assalariado levou a muitos casos de usuários crônicos de álcool e, embora em menor incidência, drogas ilícitas. De forma semelhante ao observado na primeira etnografia, as explicações de cunho religioso serviam para explicar o uso desregrado de substâncias entorpecentes e para oferecer formas de combatê-lo, embora no caso observado no Sul de Minas não tenha sido acompanhada de nenhuma tentativa de tratamento médico ou medicamentoso entre os moradores. Sendo assim, a principal conclusão que apresentamos neste artigo é que a perspectiva pentecostal e nuances diferentes do catolicismo apontam para diferentes formas de interpretação sobre a dependência química.

Contextualizando o problema

Pode-se dizer que o consumo de drogas³ é um fenômeno de todos os tempos e todos os povos, uma vez que não existem registros de

3 Segundo Araújo (2012), em uma definição mais ampla toda e qualquer substância capaz de alterar o funcionamento normal de um organismo são consideradas “drogas”. Assim, o termo “droga” pode ser usado como um sinônimo para substância psicoativa, ou seja, aquela capaz de causar alterações de comportamento e/ou percepção, sejam elas lícitas ou ilícitas, o que inclui nesta lista substâncias bastante consumidas na atualidade, como o álcool e o tabaco, por exemplo. Seguindo orientação parecida, o Glossário de Álcool e Drogas (2006) publicado pela Organização Mundial de Saúde

nenhuma sociedade humana – tenha ela deixado uma história escrita ou oral – que não mencione a utilização de substâncias entorpecentes (WEREBE, 1982: 231-232). Ao percorrermos a história da civilização, encontramos a presença de drogas em vários contextos, tais como o religioso, o místico, o social, o econômico, o medicinal, o cultural, o psicológico, o climatológico, o militar e o da busca do prazer (TOTUGUI, 1988: 1). Historicamente, a modificação de comportamento, humor e emoção por meio de drogas sempre tem sido uma prática muito comum em vários lugares do planeta. Um bom exemplo disso é a utilização de plantas psicoativas e alucinógenas pelos nativos em cultos indígenas e pagãos, uma prática muito comum desde os primórdios da colonização, tanto nas Américas quanto na Europa (RODRIGUES, 2006).

Dessa forma, o consumo de drogas não se trata de um elemento inerente apenas à sociedade contemporânea. Ao mesmo tempo em que se trata de uma prática que atravessa a história, o consumo de substâncias psicoativas se transmuta através do tempo e é influenciado pelos contextos culturais, sociais e comunitários em diversos aspectos (BARRADAS, 2008). Assim, o que realmente há de novo na época atual é a surpreendente quantidade de drogas existentes, assim como a viabilidade ampliada de sua aquisição, o crescente número de dependentes de entorpecentes e a postura proibicionista acerca do uso de determinadas substâncias psicoativas classificadas como ilegais (MURAD, 1982).

Desde o século XIX, o advento da economia capitalista provocou grandes transformações sociais que repercutiram profundamente nos padrões de comportamento. O rápido processo de industrialização, o crescimento urbano socialmente segregacionista, a veiculação de uma ideologia de consumo e a ampliação da produção e das possibilidades

de obtenção de substâncias psicotrópicas compõem um cenário histórico-social bastante problemático da sociedade ocidental. Neste contexto, emergiram vários conflitos e desajustes, dentre os quais está a toxicomania⁴ (COSTA & GONÇALVES, 1988). Além disso, alguns eventos ocorridos no século XX agravaram ainda mais esse quadro. A Guerra do Vietnã, na qual fileiras de soldados americanos foram lançadas ao uso de diversas drogas, e o movimento hippie, que valorizava o uso de drogas com o objetivo de “abrir a mente”, são alguns exemplos de episódios históricos do século XX associados ao consumo abusivo de drogas psicotrópicas (CHARBONNEAU, 1982).

Também no século XX, no período imediatamente pós-guerras mundiais, ganham força os valores hedonistas típicos de uma sociedade pós-moderna ou de alta modernidade (GIDDENS apud ZALUAR, 2000), pós-ética e pós-sociedade do trabalho (OFFE apud ZALUAR, 2000). Segundo Zaluar, a partir deste momento histórico “os controles morais que tornam o uso da lei desnecessário pararam de funcionar e não foram substituídos por uma nova ética, baseada na liberdade pessoal e no entendimento com os outros, por meio do diálogo, da mutualidade, do respeito ao direito alheio” (ZALUAR, 2000: 59). Ainda seguindo as indicações de Zaluar, vemos que os compromissos de cada um com os demais no espaço público e as responsabilidades partilhadas ficaram comprometidos já que o jogo, as drogas e a diversão tornaram-se o objetivo para muitos setores da população, especialmente os mais jovens (ZALUAR, 2000: 60).

Contudo, outros fenômenos que vão à contramão da valorização do hedonismo também atuam ativamente na sociedade ocidental contemporânea tornando cada vez maior o número de toxicômanos⁵. Um deles estaria profundamente ligado à esfera da atividade

(OMS) define droga como todas as substâncias que afetam a mente e os processos mentais. Para as finalidades da pesquisa que apresentamos, acreditamos que estas definições sobre o conceito de droga sejam as mais indicadas para orientar a análise dos dados que serão expostos a seguir.

4 Para a construção de uma definição que atenda aos interesses das Ciências Sociais, Olivenstein (1984) nos indica que a toxicomania deve ser entendida como o encontro de uma personalidade portadora de atributos específicos com um produto em um determinado momento sociocultural.

5 O termo “toxicômano” é empregado para se referir ao indivíduo que sofre com algum tipo de toxicomania, ou seja, que

profissional. Fatores como excesso de trabalho, necessidade de apresentar um desempenho cada vez melhor, medo de demissão, falta de controle na execução de tarefas e conflitos interpessoais levam muitos indivíduos ao estresse e, como uma possibilidade de fuga deste, ao consumo abusivo de drogas. Igualmente, pesquisas apontam que os sentimentos de solidão e tristeza e dificuldades para dormir, identificados pela medicina como típicos sintomas de depressão, são estímulos ao uso excessivo de drogas lícitas e ilícitas (VIEIRA et al, 2008).

Voltando nossa observação para o caso brasileiro, vemos que aos efeitos do panorama global supracitado está agregado um conjunto de fatores que levam cada vez mais indivíduos para a esfera do uso abusivo de drogas e / ou da criminalidade (ZALUAR, 2004; BEZERRA JUNIOR, 2000). Por um lado, temos a falência de políticas públicas de distribuição de renda e a corrupção de poderes públicos. Por outro, destacam-se a miséria e urbanização aceleradas e todos os problemas inerentes às grandes concentrações urbanas relativos à habitação, ao trabalho, à saúde, à educação, entre outros. Articulados, estes fatores explicitam a existência de uma integração perversa⁶ entre pobreza e tráfico / consumo abusivo de drogas, embora nesta integração estejam presentes outras peças de igual importância, como a organização criminosa, os atores estatais que cooperam com a criminalidade organizada e o mercado consumidor (ZALUAR, 2004). Além disso, Kahn (2002) observa que o consumo e a produção de drogas ilícitas associados a elementos como a modernização e urbanização aceleradas, desigualdade social extremada, padrões de consumo de primeiro mundo, liberdade política, estagnação da economia e ausência de freios morais e religiosos atribuem aos países da América Latina (e, em especial, ao Brasil) um quadro muito favorável para o surgimento de índices alarmantes de violência (KAHN, 2002).

A causas dos males sociais notadas

nos bairros pobres do Brasil, em regiões semi-urbanizadas e especialmente distantes das áreas urbanas onde a racionalidade moderna e a civilização se fazem, em maior ou menor grau, presentes, já foi objeto de preocupação de Florestan Fernandes em seu *A Integração do Negro na sociedade de classes: o legado da "raça branca"* (1978). Na obra, Fernandes define a condição de vida dos ex-agregados do sistema escravocrata, não apenas dos escravizados, mas também dos homens livres, mas sem propriedade, submetidos às relações sociais determinadas pelo escravismo.

Não obstante, é impossível deixar de lembrar que dependentes de drogas podem ser encontrados em todos os extratos sociais e não apenas nas camadas mais baixas da sociedade. Velho (1998) realizou uma etnografia na qual descreve o uso de tóxicos, padrões de consumo, tipos de tóxicos consumidos, estratégias de compra, hierarquias estabelecidas e categorias sociais associadas ao seu uso entre dois grupos de camadas médias da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Realizada na década de 1970, esta etnografia nos mostra que o consumo abusivo de drogas se trata de um fenômeno não exclusivo aos extratos mais pobres da sociedade. Logo, no que tange ao aumento constante do número de dependentes químicos, o cenário social brasileiro mostra-se sobremaneira complexo.

Entre todos os fatores envolvidos no incremento crescente do número de usuários de drogas também estaria aquele que possui como principal objetivo justamente extinguir o uso de drogas, a saber, a política proibicionista. De acordo com Rodrigues (2006), analisar as razões históricas para o surgimento da postura proibicionista permite uma melhor compreensão sobre o quadro atual do uso de entorpecentes, ao mesmo tempo em que permite, igualmente, a desconstrução de alguns mitos acerca do consumo de drogas. Ao contrário de outros crimes classificados no código penal, a criminalização do uso e do comércio de drogas trata-se de um fenômeno relativamente recente.

consome abusivamente uma ou mais drogas (OLIEVENSTEIN, 1984)

⁶ Expressão proposta por Alba Zaluar em seu livro *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas* (2004).

Muitas das drogas hoje classificadas como ilícitas ou proibidas já estavam no rol de substâncias consumidas pelo homem há séculos, mesmo assim passaram a ser vetadas. É importante lembrar que o consumo e circulação de substâncias como a cocaína, o ópio e a maconha eram legais até o início do século XX, momento no qual eram popularmente usadas com objetivos recreativos e medicinais. No entanto, já nos primeiros anos do século passado a tríade maconha, ópio e cocaína foi colocada na lista negra de substâncias a serem completamente banidas (RODRIGUES, 2006).

Percepções sobre drogas, dependência química e busca de tratamento entre católicos carismáticos na região metropolitana do Rio de Janeiro

Conforme Carranza (2000), a RCC chegou ao Brasil no ano de 1969 através dos esforços impetrados pelos padres jesuítas Harold Rahn e Eduardo Dougherty, na cidade de Campinas, São Paulo. De acordo com os dados biográficos apresentados por Carranza a respeito dos responsáveis pela instalação da RCC em solo nacional, o Pe. Harold Rahn nasceu em 22 de fevereiro de 1919, no Texas, Estados Unidos, e chegou ao Brasil por volta de 1969, quando fundou o movimento de Treinamento de Lideranças Cristãs (TLC). Este movimento, que tinha como público alvo jovens que buscavam suscitar sua vivência espiritual, buscava reunir a *Juventude Estudantil Católica* e a *Juventude Operária Católica* e formar lideranças religiosas durante a ditadura militar brasileira. Nestes TLC's, temas como a vocação cristã, a doutrina da Igreja e a inserção na comunidade eram os que ganhavam maior destaque (CARRANZA, 2000).

Já o Pe. Eduardo Dougherty nasceu em 29 de janeiro de 1941 na Lousiana, Estados Unidos, e se tornou sacerdote jesuíta aos 24 anos de idade. Sua primeira visita ao Brasil, numa estadia muito curta, ocorreu em 1966. Na sequência, passou um período no Canadá a fim de realizar seus estudos teológicos. Logo após sua estadia no Canadá, o Pe. Eduardo Dougherty retornou aos Estados

Unidos, onde ele teria sofrido a experiência do batismo com o Espírito Santo. Fora este acontecimento que motivou a entrada do Pe. Eduardo Dougherty no movimento carismático católico e, quando retornou ao Brasil no ano de 1969, ele e o Pe. Harold Rahn começaram um trabalho em conjunto na organização de retiros chamados de Experiências do Espírito Santo. Mais tarde, estes retiros ficariam conhecidos como Experiências de Oração, e passariam a ser realizados por todo o Brasil (SALES, 2006; CARRANZA, 2000).

Assim, a raiz do surgimento da RCC no Brasil está na experiência dos cursos de TLC criados pelo Pe. Harold Rahn (CARRANZA, 2000; SALES, 2006). Após a consolidação da RCC no Brasil, fato que ocorreu no final da década de 1980, o Pe. Harold Rahn se afastou do movimento e adotou outra “missão” e, em sua nova empreitada, passou a se dedicar a criação de comunidades terapêuticas destinadas ao tratamento de dependentes químicos (SALES, 2006; CARRANZA, 2000).

Fora entre as décadas de 1970 e 1980 que ocorreu a retomada do ideário de vida comunitária entre os católicos, caracterizada pela adoção de determinados espaços urbanos e pelo destaque atribuído ao que, dentro do movimento religioso, é considerado carisma. Este novo formato de vida comunitária ganhou cada vez mais substância com o passar do tempo, e isso fez com que estas Novas Comunidades se transformassem em alternativas à vida comunitária proposta pelas tradicionais Ordens e Congregações da Igreja Católica (CARRANZA, 2000; JESUS, 2012).

Via de regra, as Novas Comunidades são estruturadas segundo um modo de relacionamento no qual se torna necessário a presença de um líder e de regras que possibilitem manter o grupo religioso enquadrado no perfil determinado pela liderança religiosa. Além disso, as Novas Comunidades se dividem em duas modalidades: comunidades de aliança e comunidades de vida. De acordo com Carranza, as comunidades de aliança se caracterizam pelo laicato, e seus membros mantêm sua participação

profissional no “mundo” e constituem famílias segundo os preceitos de castidade. Já as comunidades de vida podem ser ilustradas como uma lembrança das ordens religiosas antigas, onde se desenvolve um estilo de vida consagrada no qual homens e mulheres adotam os votos de obediência, castidade e pobreza (CARRANZA, 2000).

De acordo com Prandi (1998), desde o início a RCC revelou-se um movimento capaz de arremessar um número muito grande de seguidores. Já Mariz (2004) afirma que somente a partir da década de 1990 a RCC conseguiu atingir a camada popular. Assim, “embora tenha tido muito sucesso desde sua criação, o período de maior crescimento da RCC deu-se na segunda metade da década de 1990” (MARIZ, 2004: 172). De qualquer forma, pode-se dizer que o crescimento da RCC no Brasil fez com que esse movimento religioso se tornasse “a força provavelmente mais organizada e motivada de que dispõe a Igreja Católica em nosso país” (MARIZ, 2004: 170).

Ao apontar a década de 1990 como a fase de maior expansão da RCC no Brasil, Mariz destaca que nesta época o movimento atingiu grande visibilidade nos meios de comunicação social, e isso constituiu um dos fatores que estiveram na base da expansão da RCC em solo nacional. Seja por ter criado seus próprios canais de rádio e TV, fato que lhe deu a possibilidade de transmitir massivamente programas religiosos, ou por organizar grandes eventos em espaços públicos, a RCC conseguiu alcançar fileiras de adeptos interessados em sua proposta de catolicismo renovado (MARIZ, 2004). Ainda sobre a presença da RCC nos meios de comunicação social, Benedetti, Carranza & Camurça (2009) acrescentam que este movimento religioso “representa a volta do catolicismo das multidões (registrada na segunda metade do século passado), desta vez focado na sociedade do espetáculo para viabilizar a Igreja” (BENEDETTI, CARRANZA & CAMURÇA, 2009:44).

O Projeto Reconstruir, vinculado à Comunidade Católica Maranathá, possui como

foco o atendimento de pessoas que estejam vivenciando problemas com drogas e álcool. A criação do projeto aconteceu de forma gradativa e vinculada ao *Cor Jesu*, um dos grupos de oração da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, localizada no Méier, município do Rio de Janeiro – RJ. No ano de 1996, este grupo de oração começou a receber vários jovens com problemas de álcool e drogas e, mesmo sem estrutura adequada, ofereceu atendimento a estes primeiros jovens com a intenção de auxiliá-los na cura da dependência química. Desde o princípio de sua atuação, o *Cor Jesu* era conduzido pelo Sr Martins, que se transformou em uma figura de destaque no processo de criação e manutenção da Comunidade Católica Maranathá.

Atualmente, a Comunidade Católica Maranathá mantém através do Projeto Reconstruir dez casas de recuperação para dependentes químicos com internação totalmente gratuita. Estas casas de recuperação estão localizadas nos seguintes bairros do município do Rio de Janeiro: Madureira, Engenho de Dentro, Vila Kennedy, Bangu (Unidade que oferece atendimento exclusivamente para mulheres), Realengo e Padre Miguel. Além destas casas, o Projeto Reconstruir também está presente na cidade de Planaltina de Goiás, localizada no estado de Goiás, e em mais três municípios do estado do Rio de Janeiro: Nova Iguaçu, Duque de Caxias e Búzios. Sr Martins, o fundador da Comunidade Maranathá, permanece até os dias de hoje como um dos dirigentes da instituição. De acordo com as informações disponíveis no site da comunidade, o Projeto Reconstruir tem por objetivo

Oferecer um espaço terapêutico de prevenção ao uso abusivo de drogas e a dependência química em todos os níveis dando oportunidade ao indivíduo a reinserção social, a melhoria da qualidade de vida e o fortalecimento dos seus elos familiares (...). Hoje fazemos um trabalho de perseverança e crescimento espiritual junto com todos que participam de Maranathás, sendo eles: Retiros da RCC: Experiência de Oração, Aprofundamento da Experiência de Oração, Dons e Carismas,

Aprofundamento de Cura, Cursos de Crescimento na Fé (Fonte: www.maranatharj.com. Informação disponível até o dia 02/12/2019).

Os caminhos percorridos pelos indivíduos que chegam ao Projeto Reconstruir são, em geral, atravessados pela ação de amigos e/ ou familiares que possuem conhecimento prévio a respeito do trabalho realizado na instituição. Importante salientar que os amigos e /ou familiares que atuam no sentido de instruir o indivíduo na busca por tratamento no Projeto Reconstruir agregam aspectos proselitistas aos seus discursos, já que a adesão religiosa deles aparece como algo fundamental para o tipo de indicação que oferecem. E, além disso, os conselhos para que se busque tratamento no Projeto Reconstruir são, muitas vezes, atravessados pelos relatos de casos de terceiros que, após passarem pelo tratamento proposto pelo Projeto Reconstruir, obtiveram sucesso na superação da dependência química. Assim, ao saber das histórias de outras pessoas que também passaram pelo tratamento, os entrevistados indicaram que se sentiram mais confiantes para conferir credibilidade ao tratamento proposto pela instituição.

Eu não conhecia o trabalho de recuperação que a Maranathá faz, eu só tomei conhecimento através de uma tia minha que sabia por tudo que eu estava passando com as drogas. Quando ela me disse que tinha um lugar muito bom *pra* eu me tratar eu fiquei curioso: que lugar é esse que a minha tia tá falando? Eu fiquei na dúvida, achei que eu ia perder meu tempo aqui (no Projeto Reconstruir), mas minha cabeça foi mudando quando eu fiquei sabendo de outros casos de pessoas que tinham se tratado aqui. Minha tia conhecia outras pessoas que fizeram o tratamento no projeto e saíram boas. Aí eu fiquei pensando que se tinha funcionado com outras pessoas, por que não iria funcionar comigo também? (Luiz⁷, interno do Projeto Reconstruir).

O tratamento contra a dependência química começa assim que o indivíduo adentra o projeto e a maneira pela qual os entrevistados descrevem os resultados do tratamento é

permeada por aspectos inerentes à forma como a instituição religiosa em questão se refere à dependência química. Isso ficou evidente quando os internos entrevistados foram interrogados sobre se eles se consideram recuperados do vício de drogas e qual o papel que eles atribuem à religião em todo o processo de tratamento contra a dependência química. Embora todos tenham literalmente expresso a opinião de que sem a ajuda da religião não teriam conseguido se afastar do uso de drogas, nenhum deles usou a palavra “curado” para se referir ao momento presente. De fato, nenhum dos internos entrevistados se considera completamente curado e esta percepção sobre os objetivos reais do tratamento apresentada pelos internos está associada à maneira como a instituição apreende a dependência química e a forma ideal de lidar com este problema.

Os Doze Passos propostos pelos AA, que também são aplicados pelos NA, constituem a base dos chamados *Doze Passos do Cristão* utilizados como uma espécie de filosofia de vida no âmbito do tratamento aplicado pelo Projeto Reconstruir. Os *Doze Passos do Cristão* trata-se de um conjunto de instruções que buscam orientar o dependente químico na melhor forma de lidar com sua dependência química e com os problemas provocados pelo uso abusivo de drogas. Contudo, em nenhum momento este conjunto de instruções fala sobre a possibilidade de se alcançar a cura completa da dependência química, mas sim coloca ênfase na necessidade de construção do entendimento de que o dependente químico é frágil diante da droga e que o mesmo não pode se afastar do uso de entorpecentes sem a ajuda de um poder sobrenatural, a saber, Deus.

Da mesma forma que o AA e o NA consideram a dependência química como uma doença (a doença da adicção), os Doze Passos do Cristão também admitem que o vício de drogas deve ser observado como uma doença que, deve-se ressaltar, é impossível de ser curada. Em função disso, o real objetivo buscado pelo Projeto Reconstruir é que seus internos entendam a necessidade de manterem, dia após dia, o afastamento do uso de entorpecentes

7 Nome fictício.

sem a pretensão de alcançarem a cura plena ou permanente da dependência química. Assim, frases como “por hoje não vou usar drogas” ou “só por hoje estou livre das drogas” atravessam os discursos dos internos entrevistados quando eles são questionados sobre a recuperação do vício de drogas. Em suma, a cura da dependência química não está entre os objetivos dos internos em tratamento no Projeto Reconstruir.

Ao responder à pergunta “você se considera recuperado do vício de drogas?”, Lucas, interno do Projeto Reconstruir, elaborou a seguinte resposta:

Nunca vou poder dizer isso, porque eu nunca vou estar completamente recuperado do vício das drogas. Eu sempre tenho que lembrar que a cocaína me destrói. No dia que eu esquecer isso, fatalmente eu vou estar novamente nela. Eu tenho que lembrar e falar “só por hoje”, matando um leão a cada dia, vivendo um dia de cada vez, porque eu não quero me drogar. Então é “só por hoje”, um dia de cada vez. Eu tenho que admitir que a minha doença é incurável, eu tenho que saber que eu estou me tratando (...) porque no dia em que eu disser que estou curado eu vou começar com a soberba, e isso aí é um perigo (Lucas⁸, interno do Projeto Reconstruir).

E sobre o uso dos *Doze Passos*, o mesmo interno declarou que:

Isso que eu te disse tem a ver com os Doze Passos. Engraçado porque aqui tem um padre que ele é alcoólatra, ele é um dependente químico. E ele vem sempre apresentar os Doze Passos, e nos faz acompanhar os Doze Passos do NA e do AA, que são os mesmos, na verdade. Então tem muitos aqui que até saem daqui e vão para o NA. Mas aqui tem a diferença de que não é ensinado só os Doze Passos, se ensina também a caminhar com Deus. Esse padre passou por sete casas (de recuperação) na vida dele, e hoje ele está há cinco anos sem nenhum tipo de álcool no corpo vivendo os Doze Passos. Então isso é um exemplo a ser seguido pelos outros que estão em tratamento aqui na instituição (Lucas, interno

do Projeto Reconstruir).

Ainda que a cura não seja o objetivo buscado pelos internos entrevistados no Projeto Reconstruir, todos os indivíduos ouvidos atribuíram grande peso à religião no processo de afastamento da dependência química. De maneira unânime, todos os entrevistados disseram que sem o suporte oferecido pela religião eles não teriam conseguido superar o vício de drogas. Especificamente no que se refere à religião católica, os entrevistados disseram acreditar que apenas esta religião poderia, de fato, tê-los ajudado na superação do uso abusivo de drogas. Sobretudo entre os entrevistados que já passaram por tratamento contra a dependência química em instituições vinculadas às igrejas evangélicas, práticas religiosas que não sejam católicas não receberam credibilidade no enfrentamento da dependência química.

No âmbito do questionamento sobre a credibilidade do tratamento contra a dependência química oferecido por outras comunidades terapêuticas de perfil religioso, foram registrados discursos de competição religiosa e críticas severas a outras religiões. Nestes discursos, a Igreja Católica fora representada pelos entrevistados como a “primeira igreja”, a “original”, enquanto os grupos evangélicos são apontados como infringentes e sem real valor religioso.

Percepções sobre drogas, dependência química e busca de tratamento entre católicos e pentecostais na periferia de Liberdade-MG

Situações semelhantes às encontradas na região metropolitana do Rio de Janeiro puderam ser observadas na periferia de Liberdade-MG. Liberdade é uma pequena cidade que ocupa a microrregião de Andrelândia, entre as regiões do Sul de Minas Gerais e da Zona da Mata Mineira, com população estimada de pouco mais de 5 mil habitantes.

A colonização da região se deu por meio de bandeirantes saídos de Taubaté-SP

8 Nome fictício.

que seguiram rumo a nascente do Rio Grande em busca de ouro, pedras preciosas e índios, supostamente entre meados do século XVII, e que acabaram se estabelecendo na região ao encontrarem algumas jazidas de ouro. Com o declínio da exploração aurífera, durante o século XIX, a região passou a sobreviver dos alimentos produzidos nas pequenas fazendas e sítios da região, que funcionavam como unidades de produção que buscavam ao máximo responder todas as suas necessidades para a reprodução da existência. Nesse contexto, estabeleceu-se no universo da vida rural libertense uma estrutura hierárquica que tinha por topo os fazendeiros com terras, animais e plantações, e em outro extremo os colonos sem terra, empregados como mão de obra, recebendo parte de sua produção como pagamento por seu trabalho e totalmente dependentes dos fazendeiros, donos da terra onde viviam como agregados. Na camada intermediária, havia sítiantes donos de pequenas propriedades nas quais viviam e portadores de certo grau de autonomia que lhes permitia maior mobilidade para trabalhar e escolher parceiros, apesar de não terem terras suficientes para reproduzir sua subsistência e precisassem aliar-se, ou submeter-se a proprietários de terras mais vastas e férteis.

Tal panorama socioeconômico foi gradativamente se transformado ao longo do século passado, com o início da criação mais intensiva de gado leiteiro, que levou a substituição da produção para o consumo interno das fazendas pela produção de leite e derivados. Com tal substituição das atividades econômicas, a posse de terras só era significativa à medida que proporcionasse a conversão em capital monetário, revertido em automóveis, mobília importada e dinheiro que possibilitasse a obtenção do título de “doutor”, pelo menos a um dos filhos do fazendeiro. Tais transformações coincidiram com um processo de urbanização e de alinhamento ao mercado capitalista moderno (ALVEZ, 1993).

Segundo afirmaram alguns ex-agregados, hoje moradores do bairro da Ponte, bairro periférico e semi-rural de Liberdade, foi a partir

das plantações de subsistência para a plantação de capim e braquiária, que viriam a constituir pastos para o gado, é que se passou a substituir, gradativamente, as roças de milho, feijão e abóbora, o que tornou desnecessária a mão de obra da família de agregados, que foi logo substituída pela mão de obra assalariada de alguns poucos braços destinados à manutenção do gado, à ordenha das vacas e à criação de silos com capim e milho para os períodos de inverno.

Em tal contexto, tornou-se desnecessária a permanência das famílias nas fazendas, em sua condição de colono, tornando-se estes um estorvo que levava ao uso desnecessário de uma terra que poderia ser usada como pasto. Sobre essa mudança do uso da terra parece não haver documentos, mas a informação é amplamente difundida entre os ex-agregados, fazendeiros e ex-fazendeiros. Um ex-agregado chamou a atenção para o fato de que na região onde fica a casa paterna, terras antes destinadas ao plantio para a autossuficiência, são hoje locais de plantio exclusivo de capim para o gado. Outro diz ter sido seu pai obrigado a se mudar para a cidade por não ter terras para plantar, pois o fazendeiro com o qual plantava em parceria passou a disponibilizar-lhe para plantio somente terras de baixa produtividade, próximas a brejos de onde toda a família só colhia alguns litros de milho e feijão, que ainda assim eram obrigados a repartir com o fazendeiro.

Foi a partir desse momento que teve início o processo de abandono massivo ou a expulsão de moradores agregados da zona rural, que se estendeu por todo o século passado e que ainda pode ser percebido. No caso do sítiante, proprietário de pequena extensão de terra e de alguns animais, o processo de abandono da terra foi mais complicado e por vezes mais trágico do que o processo do colono sem posses. Para se ver livre do sítiante não bastava ao fazendeiro mandá-lo embora, já que ele era o dono da terra. Era necessário comprar a terra, o que demandaria certos gastos, e mesmo assim sempre havia a possibilidade de algum proprietário negar-se a vendê-la, o que resultou em uma série de conflitos e cenas de violência.

Expulsos de suas moradias, os antigos colonos estabeleceram-se nas proximidades da cidade, as margens do Rio Grande, formando um bairro periférico onde passaram a morar em casas de pau a pique ou adobe, penduradas em barrancos que despencavam em períodos chuvosos, vivendo sem as benesses da cidade, como a luz elétrica, esgoto ou água encanada. Além do mais, tais ex-agregados encontravam-se ainda destituídos de trabalho formal, sem espaço para plantar ou para criar animais, alimentando-se por vezes da caridade alheia, da ajuda da Igreja católica, ou de antigos patrões, seus compadres, que lhes ofereciam parca ajuda, fosse por respeito à antiga relação de compadrio, ou em troca da fidelidade política, motivações que muitas vezes se mostravam indistinguíveis, mas que, mesmo na melhor das hipóteses, não se assemelhava ao apoio outrora oferecido aos antigos parceiros.

Embora as causas da adicção entre jovens residentes nas periferias de Liberdade-MG e as dos residentes na região metropolitana do Rio de Janeiro contenham certas semelhanças, especialmente em suas condições socioeconômicas e nas representações simbólicas baseadas em elementos religiosos e em explicações sobrenaturais que os jovens usuários e suas famílias lançam mão para explicar, entender o fenômeno da adicção, que acaba por convergir na mudança de religião e transformação da vida, toma tons de “conversão religiosa”, como forma de reversão de sua condição de vida e sua vitória definitiva em relação ao mal, algumas diferenças importantes podem ser notadas.

Enquanto nos casos estudados na região metropolitana do Rio de Janeiro podemos notar a caracterização, ou classificação do adicto, que mesmo quando pautado em um sistema causal movido por forças religiosas não carece de elementos explicativos oriundos de sistemas modernos de classificação e terapêutica, que acaba por definir o adicto como um doente a ser medicado e tratado segundo a terapêutica médica produzida pela modernidade, os casos observados na periferia de Liberdade-MG são, quase que exclusivamente, definidos como religiosos.

Selecionamos um caso que apesar de sua peculiaridade pode ser muito instrutivo a este respeito. Trata-se de um homem jovem, sabidamente usuário crônico de bebidas alcóolicas, que apesar de residir na periferia da cidade circula pelas ruas e bares do centro, considerada zona nobre da cidade.

Internado de forma compulsória por intermédio da assistente social da prefeitura, não por intermédio da família, ou por vontade própria, o homem em questão ficou alguns meses em uma clínica psiquiátrica na cidade de Quatis-RJ. Logo que recebeu alta, retornou à liberdade e recomeçou a embriagar-se e a vagar pelas ruas da cidade.

Dias depois o encontramos parado à porta de uma loja do centro, embriagado e pedindo dinheiro ao lojista. O homem da loja resistia em dar-lhe dinheiro, argumentando que ele iria usá-lo para comprar pinga, o que não estava certo, pois devia parar de beber.

“Mas eu não bebo mais!”, respondeu o embriagado. O homem da loja então o questionou afirmando que ele estava visivelmente bêbado, então como haveria de ter parado? “Parei de beber pinga, que é a bebida do demônio, mas continuo bebendo vinho, que é a bebida de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Diante de tal afirmação, o dono da loja demonstrou um inegável espanto, ao ser pego de surpresa por uma argumentação tão *sui generis*, que logo completou sua fala com novas. Segundo ele, “Deus criou o vinho e o demônio, com inveja, ao tentar reproduzir o feito divino, mas falhando, acabou por criar a pinga”. A resposta do homem embriagado é surpreendentemente rica e detentora de significados subjacentes, e não se tratando de uma troça, como pode vir a parecer num primeiro instante, o que pode ser constatado pela leitura de outros trabalhos etnográficos realizados na região, e que tiveram por objeto as representações religiosas da população de origem rural, que hoje compõe a grande maioria dos moradores das áreas periféricas daquelas pequenas cidades.

De acordo com o que podemos ler sobre as condições de criação do mundo, segundo as

definições daquilo que se convencionou chamar de catolicismo popular, poderemos entender melhor o assunto. Segundo se conta:

No início, Deus criou o mundo e gerou os animais. O Diabo, entretanto, tomado de inveja, pôs-se a imitar as criações divinas, criando versões distorcidas da sagrada criação. Assim, Deus criou os pássaros, e o Diabo, em uma tentativa de repetir a obra divina, acabou criando os morcegos. O mesmo se deu com o resto da criação – Deus criou o peixe e, tentando imitá-lo, o Diabo criou a cobra; Deus criou o cão, e o Diabo criou o gato; Deus criou as borboletas, e o Diabo criou as mariposas; Deus criou as galinhas, e o Diabo criou os patos, e assim por diante (informação verbal).

No entanto, tal enquadramento da pinga como elemento de origem demoníaca, distinto das demais bebidas alcoólicas, não é definitivo, e a pinga tem importante valor simbólico entre os moradores da periferia da cidade, estando intimamente ligada a símbolos de masculinidade e virilidade, sendo mesmo uma definição sagrada e constituidora da condição masculina, numa sociedade onde o homem é, na grande maioria das vezes, privado do trabalho e levado ao uso abusivo de bebidas alcoólicas. Outra história religiosa explica a inclinação do homem à pinga e a obrigação da mulher de se dedicar ao trabalho. Segundo se conta:

Quando a Sagrada Família fugia de seus perseguidores, a mulinha que levava Nossa Senhora e o Menino Jesus atolou em um lamaçal. São José tentou o mais que pode, mas não conseguiu soltá-la. Nossa Senhora saiu, então, em busca de auxílio para o seu divino esposo e encontrou um grupo de mulheres lavando roupa na beira de um rio. Contou a elas o que se passava e pediu ajuda. As mulheres, no entanto, se negaram a ajudar, dizendo que tinham muita roupa para lavar. Diante disso, a Virgem Maria lhes disse: “Roupa para lavar não há de lhes faltar” (informação verbal).

A benção da vida ociosa e da embriaguez, entretanto, trás embutida uma maldição,

manifesta sob as diversidades de delitos praticados pelos homens sob o efeito do álcool, que vão de pequenos furtos à violência doméstica; e enfermidades relacionadas ao uso abusivo do álcool, que pode ser constatado por vários casos lembrados pelos moradores do bairro de homens jovens mortos de infartos, cirroses, cárceres ligados ao alcoolismo, além de acidentes, e de um grau aparentemente elevado de suicídio, comumente relacionado à bebida.

Na consumação, ou eminência, de tais casos leva a explicações a respeito do mal da bebida e da contenção de tal mal. As explicações passam, especialmente, por um viés religioso, assim como a tentativa de sua cura. Tem-se então os recursos mais variados, que vão de benzimentos e simpatias feitas na bebida, que incluem a introdução de raspas de chifre e casco de boi ou “a primeira bosta do dia, de uma galinha toda preta”, dissolvida em uma garrafa de pinga oferecida ao alcoólatra.

Outro recurso é o apelo às almas santas, por meio de missas, terços e promessas, algumas vezes pagas nos cruzeiros das igrejas, à meia-noite, ou a busca de algum benzedor, que possa descobrir a causa da bebedeira exagerada, assim como uma forma de interrompê-la.

A introdução na cidade de algumas igrejas pentecostais e neopentecostais ofereceu aos moradores uma nova opção de cura, por meio das ofertas de exorcismos, cura e libertação. Apesar de a grande maioria da população da cidade, incluindo a do bairro da Ponte, e outros periféricos, ser declaradamente católica. Especialmente em relação aos moradores do bairro da Ponte, as incursões para a cura do usuário crônico de bebidas alcólicas acontece de modo muito similar às incursões que essas pessoas, declaradamente católicas, fazem a centros de Umbanda, ou a benzedores que se definem como seguidores dessa matriz religiosa, tratando-se não de uma adesão, ou conversão, mas apenas de uma espécie de consulta, com o propósito específico, que pretendem que seja resolvido pela introdução de uma fórmula mágica.

Curiosamente, tal circulação entre as

denominações religiosas acontece graças ao uso, pelos distintos grupos religiosos, de um arcabouço simbólico já consagrado coletivamente. É o que acontece, por exemplo, com a ideia que se tem, entre os moradores do bairro da Ponte, a respeito da existência de um “espírito bebedor” que possui um ente da família e o faz beber compulsivamente. Ora, tal perspectiva se alinha à noção neopentecostal de maldição hereditária, definida como maldição ou feitiço lançado sobre um indivíduo, sendo capaz de ser transmitido ao longo de gerações, o que precisamos considerar que não destoia da definição geral a respeito de maldição presente no Velho Testamento.

Em um caso específico, um usuário de bebidas alcoólicas foi levado a uma igreja neopentecostal que pretendia se estabelecer na cidade. Na igreja, o jovem foi submetido a algumas sessões de descarrego e libertação, onde o pastor, sua família e os cinco ou seis membros da congregação tentavam convencer o jovem e seus familiares de que o motivo que realmente levava o rapaz a se embriagar era a presença de um espírito bebedor, que já havia se apossado de seu pai e de seu irmão, já mortos, e que agora habitava nele e buscava sua ruína. O diagnóstico já havia sido feito pela mãe do rapaz, católica e membro da Irmandade do Sagrado Coração de Jesus.

O jovem foi a alguns cultos, na maioria das vezes embriagado, e acabou não se convertendo, apesar de ser convencido de que era perseguido por demônios que desejavam destruí-lo, de maneira que, quando embriagado, afirmava ver demônios que o atacavam, o que o levava a reagir desferindo contra o ar golpes de machado, foice ou pedaços de madeira, destruindo partes da casa ou do jardim da velha mãe, que nessas ocasiões o observava de longe e o aguardava até que ele se acalmasse, para se aproximar e desferir contra a nuca do filho dois punhados de sal, um na horizontal, outro na vertical, formando o sinal da cruz, como forma de espantar o mau espírito.

A variação na busca da cura e libertação em vários grupos religiosos parece ser uma característica do catolicismo popular, ou pelo menos o é entre os moradores da periferia de

Liberdade-MG. A circulação, que se dá entre pastores, benzedores e padres, não soa como o rompimento ou a descrença em uma denominação religiosa específica, pois, no entendimento dos fiéis em questão, todos esses agentes religiosos compartilham de uma única verdade sagrada.

Em termos antropológicos, poderíamos dizer que tais agentes religiosos compartilham do mesmo universo simbólico, ou antes, dos mesmos símbolos, que são agrupados em combinações diversas, variações sobre o mesmo tema, como se constituíssem uma língua comum, embora a diversificassem em variações de fala.

De tal forma que o benzedor, por exemplo, não detém nenhum tipo de monopólio sobre o universo mágico, e sua versão sobre tal a realidade é enriquecida ao ser questionada pelos demais agentes que, mesmo pretendendo se apresentar como opositores à lógica mágica defendida por ele, acabam mais próximos de tal lógica do que gostariam de imaginar. Entre tais opositores se destacam os pastores das igrejas pentecostais e neopentecostais, padres católicos e um grande número de leigos, cujas representações, por eles produzidas e reproduzidas, vagam em um mesmo universo simbólico, formado por constructos produzidos por todas as perspectivas religiosas em jogo na comunidade.

Neste quadro, o pastor se vê obrigado a lidar com um universo composto de santos e caboclos, cuja existência não pode negar com um simples argumento de que a crença em tais entes é idolatria ou simples produto de folclore. Esses seres são sentidos pelos moradores e se manifestam cotidianamente em suas vidas; realizam milagres e atendem a desejos; trazem o bem e o mal, o infortúnio e a vingança, encontrando nos benzedores os agentes responsáveis por sua instituição, como objetos legítimos ou legitimados de crença, de tal forma que o pastor, mais próximo das representações populares, é obrigado a os combater e os ressignificar, sem, no entanto, lhes negar a prerrogativa da existência.

Tal coexistência de elementos simbólicos oriundos de variadas matrizes religiosas pode ser observada nos poucos cômodos das casas dos

moradores do bairro da Ponte, onde disputam o pequeno espaço das paredes, pintadas de cal colorido de azul, verde e rosa, figuras de santos católicos; emblemas religiosos oriundos do meio pentecostal; pequenas imagens de gesso ou plástico; quadros simples de madeiras e papelão encapados com plástico, de Santa Bárbara, São Jorge e Iemanjá; e trechos do Livro dos Salmos, impressos em papel e pendurados na parede – tudo isso adornado com fitas de Santos –; rosários; ramos com os quais os fiéis acompanharam a procissão de Domingo de Ramos durante a Semana Santa; cartões convidando para a missa de sétimo dia de um parente morto, nos quais se pode ver a foto do morto junto ao Cristo, à Virgem e aos Anjos.

Considerações finais

Diante dos dados expostos, é possível afirmarmos que a questão da dependência química arregimenta esforços de diversas esferas na tentativa de “solucionar” aquele que tem sido classificado como um dos maiores problemas da sociedade contemporânea. A religião, enquanto uma fonte de significado para os eventos da sociedade, insurge como portadora de uma retórica sobremaneira relevante que atua à maneira de um roteiro para ação dos indivíduos que anseiam por uma alternativa para lidar com a dependência química. Entre as várias possibilidades de respostas oferecidas pela religião ao ponto em questão, ilustramos a performance de um grupo carismático católico que busca afastar indivíduos toxicômanos do uso de drogas em contraposição a um contexto onde prevalecem interpretações fundamentadas no pentecostalismo e no catolicismo popular. Notamos que ambos oferecem respostas diametralmente opostas, visto que no primeiro cenário encontramos um plano de ação orientado pelo uso da perspectiva médico-científica em uma parceria (que, como pudemos perceber, não é de igual para igual) com os preceitos religiosos aplicados pelo catolicismo carismático. Enquanto no segundo as explicações mágico-religiosas para a dependência química dos ex-agregados

são elaboradas e compartilhadas sem que interpretações de ordem cientificista moderna sejam acionadas.

Desvelar tais diferenças na maneira como, de um lado, catolicismo carismático e, de outro, o catolicismo popular e o pentecostalismo se comportam em relação aos indivíduos usuários problemáticos de drogas mostra que mesmo nuances religiosas relativamente próximas podem desenvolver respostas variadas diante da mesma questão. As semelhanças cosmológicas e doutrinárias existentes entre estes grupos religiosos definitivamente não impedem que seus adeptos elaborem estratégias singulares quando confrontados pelos mesmos problemas.

Referências bibliográficas

ALVES, José. *Serra da Mantiqueira: Liberdade transformações e permanências*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

ARAÚJO, Tarso. *Almanaque das Drogas*. Rio de Janeiro: Editora Leya, 2012.

BARRADAS, Ana Miriam Pinto. *Factores influentes na permanência do toxicodependente em programas terapêuticos do Desafio Jovem: um estudo de caso*. 2008. 161 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Núcleo de Psicoterapia Cognitivo-Comportamental e Integrativa, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008.

BENEDETTI, Luiz Roberto; CARRANZA, Brenda; CAMURÇA, Marcelo. *Perspectivas da neopentecostalização católica*. In; CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecilia; CAMURÇA, Marcelo (Org.). *233 Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. 1ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2009, v. 1.

BEZERRA JUNIOR, Benilton. *Identidade, diferença e exclusão na sociedade brasileira contemporânea*. In; ACSELRAD, Gilberta (Org.). *Avessos do Prazer: drogas, Aids e direitos*

- humanos. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000, p. 35-50.
- CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. Aparecida: Editora Santuário, 2000.
- CHARBONNEAU, Paul Eugène. Juventude, droga e família. In; SANCHEZ, Amauri M. Tonucci et al. *Drogas e Drogados: O indivíduo, a família, a sociedade*. São Paulo: EPU, 1982, p. 95-139.
- COSTA, A. C. L. L.; GONÇALVES, E. C. A. Sociedade, a Escola e a Família diante das drogas. In; BUCHER, R. *As Drogas e a Vida*. São Paulo: EPU, 1988, p. 47-53.
- JESUS, José Soares. *A Renovação Carismática Católica e a elaboração da identidade religiosa dos seus seguidores: desafios e limites dentro do catolicismo*. 2012. 184 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, 2012.
- KAHN, Tulio. *Cidades Blindadas: ensaios de criminologia*. São Paulo: Sicurezza, 2002.
- MARIZ, Cecília. A Renovação Carismática Católica No Brasil: uma revisão da bibliografia. In; RODRIGUES, Donizete. (Org.). *Em Nome de Deus: a religião na sociedade contemporânea*. Porto: Edições Afrontamento, 2004, p. 169-183.
- MURAD, José Elias O problema dos tóxicos na Universidade. In: SANCHEZ, A. et al. *Drogas e Drogados: O indivíduo, a família, a sociedade*. São Paulo: EPU, 1982, p. 203-229.
- OLIVENSTEIN, Claude. *A Droga*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.
- Organização Mundial da Saúde (OMS). *Glossário de álcool e drogas*. Brasília: Secretaria Nacional Antrodrogas, 2006.
- PRANDI, Reginaldo. *Um Sopro do Espírito: a Renovação Conservadora do Catolicismo Carismático*. São Paulo: Edusp / Fapesp, 1998.
- RODRIGUES, Luciana Boiteux. *Controle Penal Sobre as Drogas Ilícitas: O impacto do proibicionismo no sistema penal e na sociedade*. 2006. 305 f. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- SALES, Igor. *A autocompreensão da Igreja e a Renovação Carismática Católica (1966 – 2000)*. 2006. 184 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2006.
- SOUZA, José Wellington. *Camaradas e Santos: Notas sobre catolicismo popular e suas representações simbólicas*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017, 143 p.
- TARGINO, Janine. *Religião contra as “drogas”: estudos de caso em duas comunidades terapêuticas religiosas para dependentes químicos no Rio de Janeiro*. 330 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UERJ, Rio de Janeiro, 2014.
- TOTUGUI, Marcia. Visão histórica e antropológica do consumo de drogas. In; BUCHER, Richard Emil Bucher. *As Drogas e a Vida*. São Paulo: EPU, 1988, p. 1-7.
- VIEIRA, Patrícia Conzatti. et al. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares em município do sul do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 2487-2498, 2008.
- VELHO, Gilberto. 1998. *Nobres e Anjos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.
- WEREBE, Samuel. Aspectos socioeconômicos da dependência química. In; SANCHEZ, A. M. T. et al. *Drogas e Drogados: O indivíduo, a família, a sociedade*. São Paulo: EPU, 1982, p. 231-246.

ZALUAR, Alba. Violência, dinheiro fácil e justiça no Brasil. In; ACSELRAD, G. (org.). *Avessos do Prazer: drogas, Aids e direitos humanos*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000, p. 5174.

_____. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2004.

13 Para uma análise da coleção de Theon Spanudis, cf. Ribeiro (2001).